

GERAÇÃO Z

Mais escolarizada, geração Z enfrenta informalidade e desemprego elevados

— Proporção de jovens entre 18 e 24 anos sem emprego em 2023 foi de 16,5%, ante 8% da média geral do País, enquanto os informais na mesma faixa etária superavam 40%

**LUIZ GUILHERME GERBELLI
RENÉE PEREIRA
WESLEY GONSALVES**

Sempre que ficou sem trabalhar, Anderson Souza, de 24 anos, não se deu ao luxo de esperar pela vaga perfeita. “Agradei o que apareceu.” Estudante de publicidade e propaganda, ele vem de uma origem simples. A mãe é empregada doméstica, e o pai trabalha como pedreiro e pintor. “Meus pais seguraram muito a barra para que eu não precisasse trabalhar durante o ensino médio.”

Em 2017, concluiu o ensino médio numa escola técnica e só ingressou na universidade em 2020. Mas o sonho da graduação foi adiado pela pandemia de covid-19 e as demandas crescentes que surgiram com o trabalho remoto. Em 2021, conseguiu retomar os estudos. Hoje, se mantém na universidade graças ao Proni (Programa Universidade para Todos). “Não passei em universidades públicas nem consigo bolsas em áreas com as quais eu me identificava.”

A trajetória de Anderson — bastante comum no País — ajuda a desmistificar um quase consenso que se criou em torno da chamada geração Z — formada por aqueles que nasceram entre 1997 e 2010. Globalmente, são jovens que mudaram a maneira de se relacionar com o trabalho e empregadores e deram origem a movimentos importantes, como *great resignation* (grande renúncia) e *quiet quitting* (demissão silenciosa).

Como começaram a vida num momento em que a economia global convive com uma baixa taxa de desocupação, podem, em tese, se dar ao luxo de escolher os seus empregos. Anderson, por exemplo, comparilha as bandeiras da geração Z: busca trabalhar numa companhia com propósito, que acolha a diversidade, estimule o desenvolvimento profissional e dê flexibilidade. “No meu segundo emprego, eu escolhi sair porque não me identificava com quem trabalhava lá, sendo uma pessoa LGBT e de baixa renda”, afirma.

Mas é difícil imaginar um caminho tão glamoroso para todos os jovens brasileiros, sobretudo para aqueles que estão nas camadas sociais mais baixas. Para esse grupo, muitas vezes não é possível encontrar vagas que se enquadrem em seus propósitos e ideais. E, por necessidade, eles são obrigados a trabalhar no emprego que aparecer.

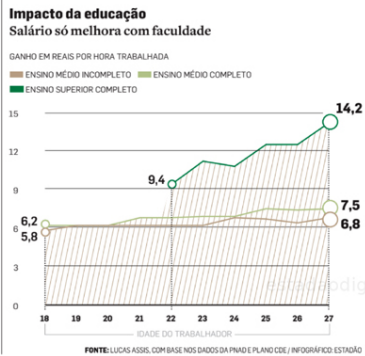
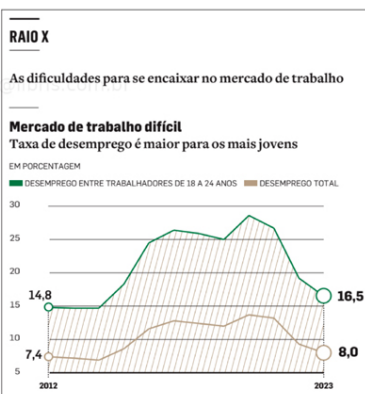
“O jovem da base da pirâmide chega ao ensino médio e olha para frente com muita frustração, porque os empregos que estão disponíveis para ele são muito precários e sem muita confiança de que ele vai conseguir sair desse ciclo”, diz Breno Barlach, diretor da consultoria Plano CDE.

GRADUAÇÃO. No Brasil, a população economicamente ativa (PEA) de 18 a 24 anos soma cerca de 15,2 milhões de pessoas — um contingente maior do que o dos habitantes da Bahia — e é altamente educada, pelo menos para o padrão brasileiro. Essa faixa etária alcançou 11,8 anos de escolaridade, um recorde, de acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios calculada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Outra perspectiva Geração de nascidos entre 1997 e 2010 se interessa por vagas que tenham afinidade com seus propósitos

É verdade que essa faixa etária viu um crescimento na renda, ajudado pelos anos a mais de estudo e pelo bom desempenho da economia. Mas também é verdade que os números do mercado de trabalho seguem desafiadores. Trata-se de uma geração que enfrenta uma taxa de desemprego maior do que a geral do País — foi de 16,5% no ano passado, ante 8% da média nacional. E uma taxa de informalidade gigantesca, de 42,1%.

“A taxa de informalidade entre os jovens é maior. E isso se dá por causa dessa dificuldade de ingresso e de estabilidade no



mercado de trabalho”, afirma Lucas Assis, economista da consultoria Tendências e responsável pelos dados. “É um grupo mais vulnerável, especialmente se menos qualificados.”

Historicamente, o mercado de trabalho sempre foi mais difícil para os jovens. É uma realidade, inclusive, de boa parte dos países desenvolvidos. No início da vida laboral, é difícil saber se o jovem será produtivo ou não. Para as empresas, portanto, é mais arriscado contratar um profissional sem a certeza de como será o desempenho dele.

“A baixa experiência significa para o contratado uma insegurança grande. Qual pode ser o problema de contratar um jovem? Não se sabe se ele é bom ou ruim, se é produtivo”, diz Fernando de Holanda Barbosa Filho, pesquisador do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (FGV/IBRE).

‘FEITO CICATRIZ’. O grande risco de uma entrada com vários tropeços no início da jornada laboral é o que os analistas chamam de “efeito cicatriz” — quando a desocupação ou a permanência em posições de trabalhos mais precários geram efeitos adversos ao longo de toda a carreira do trabalhador.

“A questão da falta de oportunidade para os jovens ainda é um desafio global”, afirma Assis, da Tendências. “Pelo menos no curto prazo, não existe uma expectativa de reversão dessa vulnerabilidade entre os jovens.”

Formada no fim de 2023 em relações públicas, Larissa Cruz, de 23 anos, sentiu as dificuldades de ingressar no mercado de trabalho. Depois de estagiar por dois anos na Universidade de São Paulo (USP) — onde também fez a sua graduação —, dedicou os últimos meses da faculdade ao trabalho final do curso e a procurar emprego. Conseguiu se colocar no mercado de trabalho apenas em maio deste ano.

“Nas vagas de entrada, são muitas exigências de experiência e conhecimento, o que um profissional júnior muitas vezes não vai ter”, diz Larissa também e é a primeira da sua família a entrar na graduação. ●

GERAÇÃO Z

Para analistas, ensino médio forte diminuiria desigualdade

Jovens das classes C, E e G são mais estimulados na família e mais ativos escolarmente do que os brasileiros das elite

**LUIZ GUILHERME GERBELLI
RENÉE PEREIRA
WESLEY GONSALVES**

No Brasil, a elevada desigualdade cria uma distância entre os beneficiários da geração Z e das diferenças de classe social. “Os jovens das classes C, E e G são mais estimulados na família e mais ativos escolarmente do que os brasileiros das elite”, afirma o economista Luiz Guilherme Gerbelli, pesquisador da Tendências e responsável pelos dados. “Os jovens das classes C, E e G são mais estimulados na família e mais ativos escolarmente do que os brasileiros das elite”, afirma o economista Luiz Guilherme Gerbelli, pesquisador da Tendências e responsável pelos dados.

recebe R\$ 9,40 por hora trabalhada. “Os estudantes que recebem R\$ 9,40, pouco mais do que os que não trabalharam nessa etapa educacional (R\$ 6,20).”

Para a geração Z, a educação é uma oportunidade que vai chegar a todos. “O jovem brasileiro não tem que se preocupar com a falta de uma vaga de emprego”, afirma Breno Barlach, diretor da PFC Social na Fundação Getúlio Vargas (FGV). “Se o jovem brasileiro não tem que se preocupar com a falta de uma vaga de emprego, ele pode se dedicar mais aos estudos e ao trabalho.”



Sofia Hilbrink, de 21 anos, diretora de arte: “Sei que é mais difícil para quem teve menos oportunidade”



Daniëlle Meira, que trabalha em RH, comemora o Jovem Aprendiz

uma formação bastante distante dos seus estudos profissionais, que era curso de graduação em psicologia. “Os quatro anos mais importantes da minha formação, eu os comecei numa primeira oportunidade em 2020, mas não necessariamente com a formação que eu queria fazer.”

“Quando começei fazer isso, eu não sabia se eu ia conseguir fazer isso”, diz Larissa também e é a primeira da sua família a entrar na graduação. ●

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Estado de S. Paulo

Seção: Economia & Negócios **Caderno:** B **Página:** 1-2